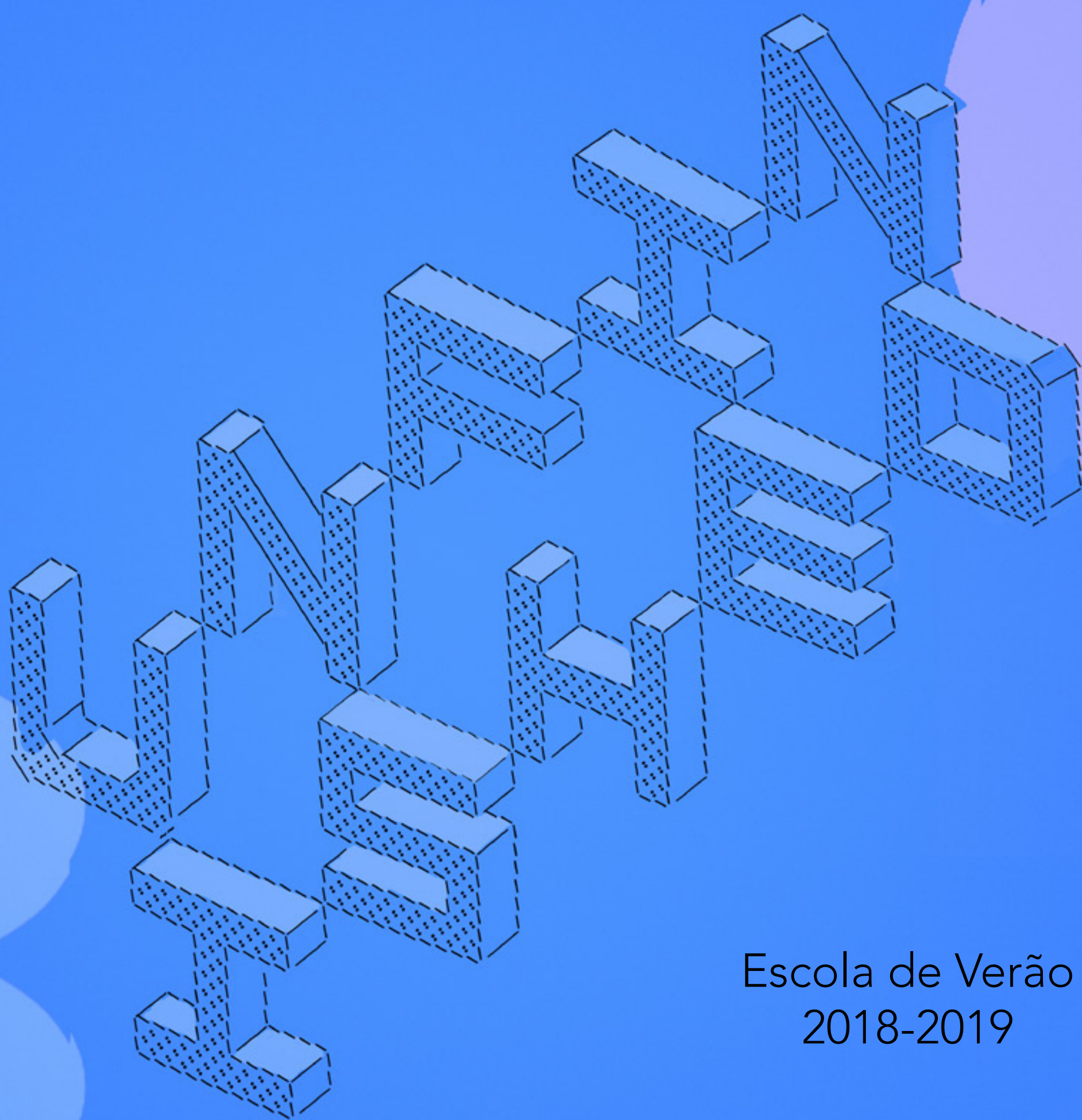




Escola de Verão
2018-2019

UNFINISHED

Direção de Projeto

Ana Carvalho

Direção Artística & Editorial

Rogério Nuno Costa

Design, Artwork & Fotografia

Jani Nummela

Curadoria

Rogério Nuno Costa

Acompanhamento Tutorial

Joclécio Azevedo

Rogério Nuno Costa

Colaboradores

Alexandra Costa, Ana Balona de Oliveira, Ana Bigotte Vieira, Ana Dinger, Ana Mira, Ana Rita Teodoro, Cátia Pinheiro, Daniel Pinheiro, Diogo Morais Oliveira, Eduarda Neves, Fátima São Simão, Fernanda Eugenio, Francesca Rayner, Iacã Macerata, Joana Braga, José Eduardo Silva, José Maria Vieira Mendes, José Nunes, Mariana Tengner Barros, Marta Lança, Patrícia Portela, Paula Caspão, Susana Mendes Silva, Susana Otero, Teresa Nobre, Tiago Porteiro

Alunxs

Adriana Neves, Bárbara Fonseca, Catarina Carvalho, Daniela Love, David Almeida, Desiree Desmarattes, Diogo Sottomayor, Eduardo Pousa, Emanuel Escobar Juipa, Ilva Otero, Inês Silva Pereira, Manuela São Simão, Mariana Amorim, Mathilde Major, Paula Moreno, Ricardo Pereira, Rita Silva, Turid Gunnes, Vera Sofia Mota, Zacarias Gomes

Agradecimentos

Maria Rodrigues Dias, Cassilda Rodrigues

Produção

Armazém 22

INTRODUÇÃO

UNFINISHED é um espaço dedicado à criação artística contemporânea, de reflexão e experimentação intensiva, que incide na criação coreográfica e nos seus interfaces com a cultura contemporânea, os estudos de performance, o teatro e a dramaturgia, as artes visuais, a filosofia e crítica da dança, os estudos feministas, anti-racistas e pós-colonialistas, a antropologia, a curadoria, as práticas documentais e arquivísticas e os estudos sobre a *open culture* e propriedade intelectual.

O projeto propõe a criação de um espaço de pesquisa teórico-prática que permite ensaiar novos paradigmas educacionais, modos de subjetivação e metodologias de investigação divergentes, híbridas e fluidas, ao mesmo tempo promovendo uma plataforma colaborativa de pensamento inter/trans-disciplinar não-hierárquica e horizontal.

Os participantes, escolhidos por *open call*, tiveram acesso a uma incubadora para o desenvolvimento e expansão pluridisciplinar dos seus “projetos-em-progresso”, sem a pressão da sua finalização ou apresentação pública, benefician-

do da consultoria, acompanhamento e tutoria de um conjunto polivalente de profissionais da prática e da investigação artística e para-artística.

O objetivo central consistiu na criação de espaços de trabalho, apresentação e discussão, entre pares e diversos públicos, de trabalhos em processo, permitindo uma maior permeabilidade entre os diferentes tempos implicados na criação contemporânea, assim criando um espaço onde o teste e o erro fizeram parte tanto do processo de criação como da apresentação.

Nas suas duas edições (2018 e 2019), a Escola de Verão organizou-se holisticamente em torno de várias premissas inter-disciplinares que testaram a possibilidade da prática artística enquanto investigação e da investigação enquanto prática artística, num conjunto interseccional de 6 *open labs*, 3 seminários teórico-práticos coordenados por grupos de investigação independentes, 2 conferências-performance seguidas de discussão, 2 laboratórios intensivos de criação/composição, 2 aulas práticas, 2 *visiting academies*, e várias sessões de tutoria e consultoria de projetos. No final, os participantes foram convidados a partilhar o resultado da sua prática-investigação num contexto informal.

Enquanto macro-laboratório experimental e exploratório, UNFINISHED re-pensa, em diálogo sistémico com os projetos de investigação de Rogério Nuno Costa (curadoria), Joclécio Azevedo (acompanhamento tutorial) e formadores convidados, a missão clássica/ocidental da Academia (ou da produção de conhecimento no contexto académico) para a reformular enquanto Performance, deste modo ensaiando modelos pedagógicos não-normativos, radicais e marginais capazes de apresentar, antecipar, questionar ou re-equacionar especulações trans-históricas, trans-nacionais e trans-artísticas em direção a uma Escola (queer) “do futuro”.

Adicionalmente ao conjunto de laboratórios, a conclusão das duas iterações da Escola de Verão UNFINISHED coincidem com o lançamento deste “text book”, compilação de exercícios e práticas textuais-performativas da autoria dos colaboradores das edições de 2018 e 2019, juntamente com o catálogo documental/fotográfico. Um olhar sobre a contemporaneidade performativa através dos seus processos e das suas metodologias, que servirá de manual de trabalho passível de ser re-ativado (e continuado/completado) experimentalmente por outros agentes.

Rogério Nuno Costa

SEMINÁRIOS TEÓRICO-PRÁTICOS

ESTRUTURA

Cátia Pinheiro & José Nunes

ESTRUTURA(S)

Neste laboratório iremos debruçar-nos sobre as estruturas visíveis e invisíveis que compõem, formatam e moldam o nosso trabalho artístico. Pretendemos partilhar algumas das nossas ferramentas de trabalho e lógicas internas de desenvolvimento de projetos, estabelecendo uma relação entre teoria e prática, forma e conteúdo, processo e documentação e, simultaneamente, questionar estas dicotomias nos processos de criação.

A Estrutura foi fundada em 2009 por Cátia Pinheiro e José Nunes e tem desenvolvido a criação e produção de espetáculos de teatro e atividades de formação. No seu percurso, destacam-se as últimas criações "Uma Gai-vota" (2016), "Geocide" (2017), "The End" (2017), "M'18" (2018), "Pathos" (2019) e o programa de formação "Recurso" (2018).

estrutura.pt/



José Maria Vieira Mendes
UMA COISA NÃO É OUTRA COISA

Neste laboratório gostaria de experimentar transformar em narrativa a relação entre o livro *Uma coisa não é outra coisa* (2016) e a investigação que esteve por trás do mais recente espetáculo do Teatro Praga, *Jângal* (2018). Uma coisa não é outra coisa persegue uma mitologia, associada às histórias do teatro moderno, que tendencialmente aponta uma tensão ou relação prioritária entre a literatura dramática e o teatro. Demonstrando como essa mitologia afeta e captura objetos artísticos, tanto literários como performativos, sugere que se olhe para estas duas artes e para a ideia de relação de uma outra forma. Esse olhar permitiria deitar fora a ideia de distância entre as duas artes. As distâncias são fruto de uma proposta de relação que alimenta frustrações e imobiliza identidades. Aquilo que proponho implica reconhecer o outro no encontro e identificar o óbvio: eu não sou tu. A diferença deixa de ser eterna e constante, passa a ser negociável, mutável e não dependente da semelhança. Acontece a cada momento, comportando simultaneamente o que é conhecido, as histórias e as certezas.

Nisto participa no jogo da existência, no mundo em movimento. *Jângal* foi descrito como um encontro com histórias de encontros. Encontro entre coisas silenciosas que não pensam nem sentem, uma especulação que foge ao dualismo redutor que opõe um eu a um outro, o humano ao não-humano e que reconhece os contágios e as dificuldades. É uma especulação humana, uma experiência falhada de desumanização, que aceita que não há fora disto (não há “outro mundo”) e que não se faz valer de um ideia genesíaca de paraíso perdido a que se quer regressar, antes enfrenta a necessidade de encontrar modos de convivência e de habitar juntos.

*José Maria Vieira Mendes escreve majoritariamente peças de teatro, mas também publicou ensaios e textos curtos de ficção. Faz traduções ocasionais, escreveu dois libretos para ópera e trabalha ocasionalmente com artistas plásticos. É membro do Teatro Praga desde 2008 e responsável pela direção artística da Rua das Gaivotas 6, em Lisboa. As suas peças foram traduzidas em mais de uma dezena de línguas. Para além de edições de peças nos Livrinhos de Teatro Artistas Unidos, publicou *Teatro* em 2008 (Livros Cotovia), *Arroios: Diário de um diário* em 2015 (edição Duas páginas) e, em 2016, um ensaio (*Uma coisa não é outra coisa*) e uma compilação de peças (*Uma coisa*), ambos pelos Livros Cotovia.*



COPYWRONG
Daniel Pinheiro
Fátima São Simão
Rogério Nuno Costa
Teresa Nobre

PERFORMANCE-AS-TOOL

Copywrong propõe uma experiência de criação que pretende contribuir para a clarificação das regras de direito de autor nas artes performativas. Partindo dos resultados apresentados na última edição do festival Future Places (UPTEC, Porto, Outubro 2017) e no Creative Commons Global Summit (Toronto, Abril 2018), esta masterclass irá ficcionalizar um processo de co-criação de uma performance-ferramenta educacional dirigida a artistas e criadores das artes performativas, envolvendo uma sessão de partilha de experiências e discussão da temática, a apresentação de “Copywrong – performance-as-tool” e um workshop colaborativo sobre direito de autor. As questões a estudar, à luz das problemáticas atuais que envolvem o copyright, serão confrontadas com os contributos das artes performativas (Daniel Pinheiro e Rogério Nuno Costa), da economia (Fátima São Simão) e do direito

(Teresa Nobre e Diogo Morais Oliveira), pretendendo expor alguns dos obstáculos à criação que a atual legislação impõe aos artistas.

copywrong-cc.tumblr.com



Daniel Pinheiro nasceu na Venezuela e trabalha a partir de Portugal. Licenciado em Teatro, tem desenvolvido trabalho na área das artes performativas, focando-se na Arte Telemática como forma de explorar a Internet enquanto espaço performativo, utilizando a ferramenta do vídeo. Neste campo, pretende criar uma reflexão sobre o impacto da tecnologia no quotidiano e fazer parte de um movimento transmédia que explora as transformações de noções de espaço, presença, privacidade e identidade.

Diogo Morais Oliveira é advogado, colaborador do Dínamo 10 e membro da Creative Commons Portugal. Tem procurado realizar ativismo em defesa de um regime de direito de autor mais aberto, estando a desenvolver o projecto “CC Local Point”, um ponto de contacto sobre as Creative Commons dirigido à comunidade.

Fátima São Simão (Porto, 1981) é diretora de desenvolvimento do UPTEC - Parque de Ciência e Tecnologia da Universidade do Porto e tem assegurado a direção executiva do futureplaces.org - medialab para a cidadania, e a coordenação pública da Creative Commons Portugal. Licenciada em Economia (Faculdade de Economia do Porto) e mestre em Gestão e Políticas Culturais (City University of London), frequenta atualmente o programa de Doutoramento em Arte e Design da Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto, onde investiga os efeitos do di-

reito de autor na criação de valor económico e simbólico no setor cultural e criativo.

Teresa Nobre é advogada, coordenadora jurídica do capítulo português da Creative Commons, e consultora jurídica da Communia International Association on the Digital Public Domain, em matérias de Direito de Autor. Tem realizado e coordenado diversos estudos comparativos em Direito de Autor. Licenciada em Direito pela Faculdade de Direito da Universidade de Lisboa (2003). LL.M. em Propriedade Intelectual pelo Munich Intellectual Property Law Centre (2009). Fátima São Simão (Porto, 1981) é diretora de desenvolvimento do UPTEC - Parque de Ciência e Tecnologia da Universidade do Porto e tem assegurado a direção executiva do futureplaces.org - medialab para a cidadania, e a coordenação pública da Creative Commons Portugal. Licenciada em Economia (Faculdade de Economia do Porto) e mestre em Gestão e Políticas Culturais (City University of London), frequenta atualmente o programa de Doutoramento em Arte e Design da Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto, onde investiga os efeitos do direito de autor na criação de valor económico e simbólico no setor cultural e criativo.



Eduarda Neves

NEM O MODELO DO OUTRO NEM
A PROCURA DA ORIGEM. LEITU-
RAS DELEUZIANAS.

Com a modernidade, o indivíduo institui-se como modelo e referência, tal como as experiências e as idiossincrasias individuais adquirem uma existência soberana. Pensada por grandes modelos de interpretação, como o marxismo ou a psicanálise, a reflexão em torno da subjetividade durante o século XX é acompanhada por múltiplas interrogações sobre os limites do sujeito e a sua presença singular no mundo. O privado e o íntimo suscitam um interesse quase obsessivo, a identidade é desenhada não como algo único e constante, mas como um Eu constituído por tantos nós, tantos eus. Como reconhece Peter Sloterdijk, as filosofias tradicionais já não são suficientes para tentar responder ao que é o sujeito e ao que é a subjetividade. Com efeito, “que é a filosofia da subjetividade senão uma maquinaria lógica que julga ter identificado no sujeito que pensa e age livremente o cumpridor de todas as promessas possíveis?”

Eduarda Neves é licenciada em Filosofia e Doutorada em Estética. Curadora independente. Diretora e Professora Auxiliar na ESAP. IR do grupo de investigação em Arte e Estudos Críticos do CEAA. É autora de vários livros e artigos em revistas especializadas. Último livro publicado: O auto-retrato. Fotografia e subjectivação, 2016. Short list do prémio PEN CLUB na área de Ensaio, 2017.

<https://hors-serie.weebly.com/>



Susana Mendes Silva

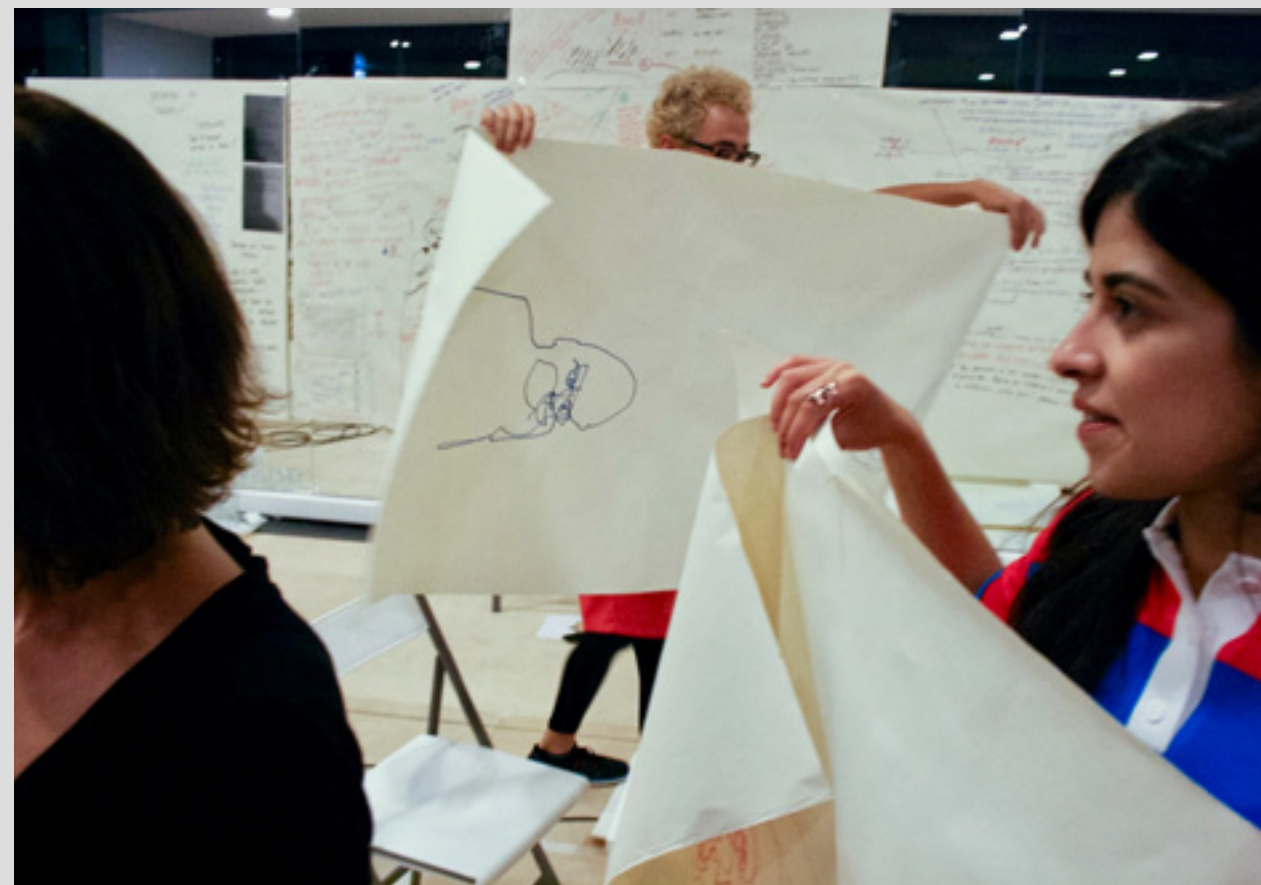
VIDA E TRABALHO

Partindo da minha prática artística — e nomeadamente tendo em conta a exposição *Vida e Trabalho: não como antes mas de novo*, que está patente no MAAT – irei estruturar o *open lab* à volta das metodologias para construir o trabalho artístico, do modo como a vida se entrelaça com o trabalho, de como se podem construir ferramentas críticas, e sobre como é que podemos criar espaços de pensamento livres e igualitários.

Susana Mendes Silva (Lisboa, 1972) é artista plástica e performer. O seu trabalho integra uma componente de investigação e de prática arquivística, que se traduz em obras cujas referências históricas e políticas se materializam em exposições, ações e performances, através dos mais diversos meios de produção. O seu universo contempla e reconfigura contextos sociais diversos, sem perder de vista a singularidade do indivíduo. A sua intimidade psicológica ou a sua voz são inúmeras vezes veículos de difusão e receção de mensagens poéticas e políticas que convocam e reativam a memória dos participantes e espetadores. Susana estudou Escultura na FBAUL e frequentou o programa de doutoramento em Artes Visuais (Studio Based Research) no

Goldsmiths College, Londres, tendo sido bolseira da Fundação Calouste Gulbenkian. É Doutorada em Arte Contemporânea pelo Colégio das Artes da Universidade de Coimbra, com a tese baseada na sua prática performativa – A performance enquanto encontro íntimo. É Professora Auxiliar na Universidade de Évora no curso de Arquitectura Paisagista.

susanamendessilva.com





BALDIO - estudos de performance
Ana Bigotte Vieira
Ana Mira
Joana Braga

DO ARQUIVO COMO GESTO IV 2018

Muitas vezes considerados repositórios mais ou menos seguros da memória, os arquivos estão intimamente ligados às narrativas e às lógicas que suportam a sua existência – narrativas e lógicas essas que frequentemente ajudam a legitimar. Neste sentido, pode olhar-se para os arquivos tanto em sentido lato (vendo, por ex., o corpo como arquivo, como o fazem algumas práticas artísticas performativas contemporâneas) como em sentido comum (pense-se nos arquivos gerais das instituições) ou no arquivo em geral (pensando-o de acordo com uma tradição filosófica e epistemológica) como uma série de práticas ou de gestos. O que é ou deve ser arquivado? Porquê? Para quê? Por quem? Para quem? Quais são as implicações políticas de criar ou trabalhar com um arquivo? Com que questões e escolhas se confronta um artista ou um investigador ao trabalhar com um arqui-

vo, ou ao construir um? Tendo como ponto de partida a noção de arquivo como gesto, procura-se nesta oficina discutir alguns textos-chave nos debates recentes sobre as relações entre arquivo e memória, para com isso problematizar alguma produção artística que ao longo dos últimos anos se tem debruçado sobre estas questões – redefinindo com isso a própria forma de as colocar. Serão discutidos textos de Foucault, Derrida, Deleuze, Baudrillard e Hal Foster, colocando-os em relação com estudos sobre a transmissão performativa da memória realizados por autores como Enzo Traverso, Diana Taylor, Paul Connerton e Joseph Roach. *Do Arquivo Como Gesto IV* faz parte de uma série de oficinas, frequentemente colaborativas, em torno da questão da memória e dos usos performativos do arquivo, que têm vindo a ter lugar entre 2012 e 2018. As edições anteriores tiveram lugar na escola ZHdk, em Zurique, com Sandra Lang e Pedro Lagoa (2013), no âmbito do Curso Experimental em Estudos de Performance do baldio, em Lisboa, com Paula Caspão e Ana Riscado, e, mais recentemente, no âmbito do FITEI 2017 (em versão mais curta) e na Escola de verão UNFINISHED.

Baldio – performance studies é um espaço discursivo onde se ensaia uma abordagem interdisciplinar (cruzando as artes, as ciências sociais e as humanidades), teórico-prática (encarando a arte como forma de criar mundo) e politicamente comprometida (não partindo do princípio da neutralidade da ciência e da arte), a que se dá o nome de Estudos de Performance (Performance Studies). Coletivo de pessoas interessadas em pedagogia radical e em desenvolver um trabalho colaborativo continuado. Ao longo dos últimos cinco anos, o baldio tem assinado a curadoria de uma série de eventos nacionais e internacionais onde teoria e prática se misturam, procurando criar condições para uma partilha horizontal de saberes que passe pela produção de experiência, tendo a construção comum de mundo como horizonte.

baldiohabitado.wordpress.com



Ana Mira é investigadora, performer, professora, e escreve sobre dança e filosofia. Estudou Práticas Somáticas e Dança Contemporânea na Europa e nos Estados Unidos. Completou o doutoramento em Filosofia/Estética na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas – Universidade Nova de Lisboa. Na performance de dança, destaca “At Once”, adaptação do solo de Deborah Hay/SPCP 2009 (2010) e a sua colaboração com Rosemary Butcher (2011-2015). Tem leccionado em instituições académicas e artísticas, e publicado os seus ensaios sobre dança e filosofia. É investigadora no IFILNOVA - Instituto de Filosofia da Nova (FCSH-UNL), e no coletivo baldio - estudos de performance.

Joana Braga é doutoranda em Arquitectura no ISCTE-IUL, investigadora do DINAMIA’CET. Trabalhando no cruzamento da arquitectura com outras áreas do conhecimento, articula práticas espaciais, discursivas, performativas, visuais e pedagógicas para explorar a matéria urbana e as memórias e imaginários que se lhe associam, com foco nas dimensões política, social e cultural do espaço. É curadora do projecto de investigação artística Topias Urbanas e integra o colectivo baldio - estudos de performance



BALDIO - estudos de performance
Ana Bigotte Vieira

DO ARQUIVO COMO GESTO V:
inventários e documentos
2019

Continuando a investigação em torno da temática do arquivo iniciada na primeira edição (2018) da Escola de Verão UNFINISHED, com as investigadoras Ana Mira e Joana Braga, propõe-se desta feita uma oficina prática com coordenação de Ana Bigotte Vieira, partindo de inventários e documentos e discutindo a sua função na economia da(s) memória(s). Para tal, disponibilizar-se-ão pelos participantes algumas instruções e inquéritos com vista a reunir um corpus de documentos sobre os quais trabalhar.

Ana Bigotte Vieira faz parte da equipa de programação do Teatro do Bairro Alto, sob direcção artística de Francisco Frazão, como programadora de discurso. Licenciou-se em História Moderna e Contemporânea (ISCTE), especializando-se em Cultura e Filosofia Contemporâneas (FCSH-UNL), e em Estudos de Teatro (UL). Entre 2009 e 2012 foi Visiting Scholar no Departamento de Performance Studies da New York University. A sua tese de

Doutoramento recebeu uma Menção Honrosa em História Contemporânea pela Fundação Mário Soares. Integra o Instituto de História Contemporânea e Centro de Estudos de Teatro. É co-fundadora da plataforma baldio - estudos de performance, e dramaturgista em teatro e em dança. Foi bolseira no projecto ERC TKB / Transmedia Knowledge Base for the Performing Arts, e presentemente desenvolve com o coreógrafo João dos Santos Martins um projecto de historicização coletiva da dança em Portugal intitulado Para uma timeline a haver, participando também no grupo coordenado pela Professora Maria João Brilhante que levará a cabo uma primeira indexação do espólio do Teatro da Cornucópia. Integra a Associação BUALA. Traduziu vários autores, sobretudo de teatro e filosofia, como Luigi Pirandello, Giorgio Agamben e Maurizio Lazzarato.



BUALA
Ana Balona de Oliveira
Marta Lança

1ª parte / HISTÓRIAS COLONIAIS
E ANTI-COLONIAIS, MIGRAÇÕES
E DIÁSPORAS PÓS-COLONIAIS,
ATIVISMOS E FEMINISMOS DES-
COLONIAIS
/ Ana Balona de Oliveira

Refletiremos sobre as possibilidades e os desafios inerentes a propostas artísticas e curatoriais movidas por uma política da história e da memória colonial e anti-colonial, pela atenção às migrações e diásporas pós-coloniais, pela consideração de continuidades coloniais sob a forma de racismo estrutural e sistémico e pela necessidade de uma descolonização epistémica e das instituições, pela afirmação de uma Europa negra e pelas tradições teóricas e políticas dos feminismos interseccionais, nomeadamente do Sul Global. Atentaremos nas contribuições de artistas africanos e da diáspora, particularmente das mulheres artistas, numa perspetiva comparada, i.e., relacionando as histórias coloniais e anti-coloniais e as diásporas pós-coloniais de vários contextos

‘lusófonos’, ‘anglófonos’ e ‘francófonos’ em África e na Europa, sem deixar de analisar criticamente a colonialidade destas categorias linguísticas. Também do ponto de vista teórico, abordaremos comparativamente várias tradições críticas, do pós-colonial de influência anglo-saxónica ao descolonial de origem sul-americana, sem esquecer a forma como o pensamento anti-colonial, nomeadamente aquele que foi produzido no continente africano, lhes abriu caminho, e o modo como os feminismos interseccionais colocam em evidência as limitações epistémicas e ético-políticas de todas estas linhagens críticas.

2ª parte / QUE MEMÓRIA COLETIVA ME INTERESSA? / Marta Lança

Marita Sturken, que investiga as políticas de memória num contexto global, refere as inovações historiográficas que deslocaram o interesse dos objetos para as práticas de cultura, o que ajudou a definir a memória “como um processo dinâmico que resulta de práticas de memorialização, que emergem da construção das instituições da memória”. Este alargamento da produção de memória faz-se acompanhar de crescentes debates e lutas pelos seus significados. Assim, os processos de memorialização, à par-

tida com um forte pendor ideológico, têm desencadeado engajamento cívico e artístico. Por outro lado, Enzo Traverso alerta para a produção/consumo de massa de memória que relaciona com a necessidade identitária e a «obsessão comemorativa», na qual a memória invade o espaço público das sociedades ocidentais. Este processo de reificação do passado, transforma-o em objecto de consumo, estetizado, naturalizado e rentabilizado, pronto para a indústria do turismo e do espetáculo. Para conhecer os elementos e disputas que atuam na construção e transmissão de determinadas memórias coletivas, debatemos as forças aí em jogo: o que se escolhe memorizar, como e por quem. A memória articula-se às políticas do presente e valoriza o lado mais subjetivo, ligado à experiência. Neste laboratório mostramos exemplos de novas visualidades, revisitando modos de produzir e questionar a memória, através de arte pública, museus, práticas artísticas, documentais e curatoriais, vestígios nas cidades, memória imaterial e gestos por fazer. A discussão a partir dos estudos da memória integra-se na urgência da descolonização nos planos cívicos e artísticos. A apresentação vai sendo pautada com exercícios imaginativos sobre o tema da memória.



Ana Balona de Oliveira. Doutorada pelo Courtauld Institute of Art (2012), é investigadora FCT (CEEC 2017) no Instituto de História de Arte da Universidade Nova de Lisboa (IHA-FCSH-NOVA), onde co-coordena a linha de investigação 'Transnational Perspectives on Contemporary Art: Identities and Representation'. Tem leccionado em várias instituições em Portugal e no Reino Unido. A sua investigação incide sobre narrativas coloniais, anti e pós-coloniais, migração e globalização na arte contemporânea de países 'lusófonos' e outros, numa perspectiva feminista interseccional e descolonial. Publicou artigos na *Nka: Journal of Contemporary African Art* e na *Third Text*, etc., e contribuiu com ensaios e entrevistas para catálogos de exposições e outras publicações, como Recent Histories: Contemporary African Photography and Video Art, Walther Collection & Steidl, 2017, e Red Africa: Affective Communities and the Cold War, Black Dog Publishing, 2016, etc. Comissariou as exposições individuais Edson Chagas: Oikonomos, Camões-CCP, Luanda, 2019, Ângela Ferreira: Underground Cinemas & Towering Radios, Galeria Av. da Índia, Lisboa, 2016, Ângela Ferreira: Monuments in Reverse, CAAA, Guimarães, 2015, e co-comissariou a exposição colectiva Ruy Duarte de Carvalho: Uma Delicada Zona de Compromisso, Galeria Quadrum, Lisboa, 2015-2016, etc. Co-coordenou cientificamente os volumes Atlantica: Contemporary Art from Angola and its Dias-

pora, Hangar & CEC, 2018, e Diálogos com Ruy Duarte de Carvalho, Buala & CEC, 2019. Organiza o ciclo Thinking from the South: Comparing Post-Colonial Histories and Diasporic Identities through Artistic Practices and Spaces no Hangar, em Lisboa, e co-edita o volume Circulations: The (Un)making of Southern Africa Across and Beyond Borders (forthcoming).

Marta Lança, Lisboa (1976). Doutoranda em Estudos Artísticos (FCSH-UNL). Temas de pesquisa: debate descolonial na programação cultural, processos de memorialização. Criou as publicações independentes: *V-ludo* (199-01), *Dá Fala* (Cabo Verde 2004), *Jogos Sem Fronteiras* (2008 co-ed) e a plataforma BUALA. Integra a equipa Editorial do projeto "Cartografia Afro-Europeia de Cultura Língua e Artes", do ICNova. Escreveu em várias publicações culturais. Traduziu livros de Asger Jorn e Achille Mbembe. Lecionou na Universidade Agostinho Neto, colaborou com a I Trienal de Luanda e com os Festivais de Cinema de Luanda e Dockanema, Maputo. Passa temporadas no Brasil. Programou o *Roça Língua*, encontro de escritores lusófonos, o ciclo *Paisagens Efémeras*, dedicado a Ruy Duarte de Carvalho (2015), o programa *Expats* para o FITEI, com Rita Natálio (2015), *Vozes do Sul* para o Festival do Silêncio (2017), conferências do projeto NAUI, do TEP (2018) e, com Raquel Lima, o ciclo Para nós, por nós: produção cultural africana e afrodiaspórica

em debate (2018). Em cinema rodou várias séries em países africanos. Entra no filme Tempo Comum, de Susana Nobre (2018). Fez performances com o Alberto Pimenta. Integra o grupo de consultores para o Memorial às Pessoas Escravizadas (projeto da DJASS).

buala.org

AND LAB

Fernanda Eugenio

(com a assistência de Ana Dinger e
Iacã Macerata)

DO IRREPARÁVEL: o que pode uma
ética de reparação?

Acontece, ao lidar com o Irreparável, que o impossível da tarefa a torna urgente. Porque toda a reparação será sempre insuficiente e porque desde sempre é já tarde demais, reparar (n)o irreparável consistirá, talvez, em frequentar esse território abismal e aporético no qual reparar chega a coincidir com destruir e matar. E como matar eticamente o sistema não poderia começar de outro modo senão por matá-lo intimamente, numa luta de si para consigo pela descolonização sensível, confrontamo-nos com um compromisso de (auto)cuidado e (auto)amor que implica, radicalmente, pesquisar modos de (não) morrer. À questão disparadora da in-terminável pesquisa com o Modo Operativo AND, acerca das políticas da convivência – como viver juntxs? – aglutinam-se, então, indagações emergenciais e cruamente concretas: como morrer juntxs? como viver só? como matar(-se) sem morrer? como encerrar o irreparável ciclo da

dívida, feito-facto do saque colonial-capitalista, e (re)entrar no ciclo da dádiva? Como ver e fazer ver a impermanência das coisas e daí derivar um mundo equânime? Como desintoxicar a percepção e passar do ver ao reparar, que é um ver adensado de presença, que escuta, que tacteia, fareja e saboreia? Como passar da cosmovisão à cosmosensação e, assim, para um modo de estar atento à inseparabilidade e à delicada quasidade de tudo que é/vai sendo? Como activar uma luta amorosa – essa vigília sem tréguas, essa navegação (im)possível e (im)precisa entre a cumplicidade e a reciprocidade? Como tomar coragem e tornar-se ancoragem? Um tal corpo de luta não se faz sem que se gere atenção a toda e a cada uma das suas partes, num empenho de desfragmentação e de re-conhecimento de si como agregado não-compulsório, para o qual nenhuma organização tem prerrogativa de auto-evidência. Não se faz sem desprivatizar os desejos e as volições, des-normatizar ecologias somáticas, noções de saúde e bem estar, e des-automatizar padrões reincidentes, hábitos de comportamento e conversas internas – monólogos da interpretose e do ponto de vista. É então preciso – mas é tão impreciso! – termo-nos para entre-termo-nos.

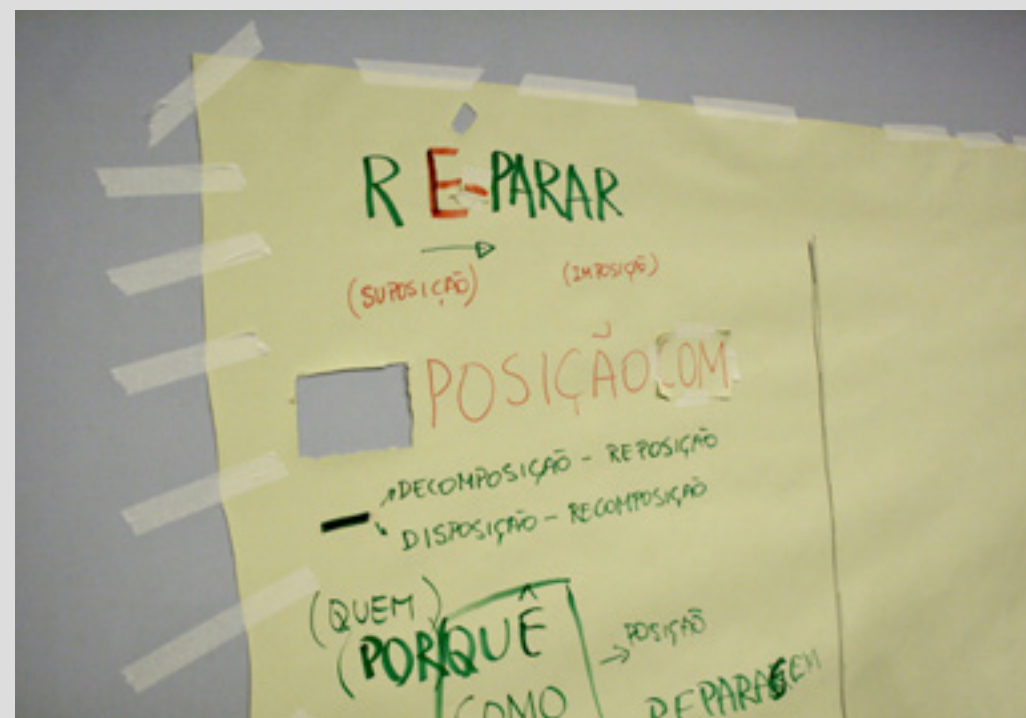


O Modo Operativo AND, nos seus diversos (contra)dispositivos de jogo relacional, funcionará como ferramenta transversal para uma jornada de partilha prático-teórica desta pesquisa encarnada

and-lab.org

Fernanda Eugenio é antropóloga e artista. Trabalha com pedagogias radicais, práticas político-afectivas encarnadas, performance ampliada, proposições urbanas situadas e com a construção de modos de fazer transversais para a com-posição relacional e para a criação por re-materialização – nomeadamente o Modo Operativo AND, metodologia que desenvolve desde os anos 2000. Dirige a plataforma AND_Lab / Arte-Pensamento e Políticas da Convivência, com sede em Lisboa e núcleos no Brasil e em Espanha, a partir da qual explora os entre-lugares emergentes de uma trajetória marcada por colaborações intensivas, deslocações e desvios, entre a pesquisa académica estrita e uma investigação singular dos usos artísticos e políticos da etnografia. É pós-doutorada pelo ICS/UL; doutorada e mestre em Antropologia Social pelo Museu Nacional/UFRJ. Foi Pesquisadora Associada do CESAP/IUPERJ/UCAM (2003-2017) e Professora Adjunta da PUC-Rio (2005-2012). Nos últimos quinze anos, tem actuado como professora convidada em diversos programas de formação em ciências sociais, artes e per-

formance (inter)nacionais. Suas publicações, criações e colaborações circula(ra)m por Brasil, Chile, Argentina, Peru, Portugal, Alemanha, Itália, Áustria, França, Espanha, Grécia, República Checa, Reino Unido, EUA, Canadá e Vietname.



LABORATÓRIOS EXPERIMENTAIS

Susana Otero

UMA AULA

A partir do axioma inventado pelo Rogério Nuno Costa para descrever/descrever a companhia que dirijo — Sistema (ballet) Infinitamente (contemporâneo) Imaterial (do norte) — proponho uma aula de Técnica Clássica desmontada e re-direcionada a todos os tipos de corpos e idades. Uma aula para corpos desenquadrados, excluídos ou (de)formados/sem formação. Uma aula para corpos não-condizentes e plurais. “Uma Aula”, portanto.

Susana Otero nasceu no Porto em 1982. Iniciou os seus estudos de Técnica Clássica aos 3 anos, frequentando diversas instituições, entre elas a Academia de Bailado Clássico Pirmin Treku. Exerce funções de bailarina desde 2002 e desde 2011 de Diretora Artística na companhia Ballet Contemporâneo do Norte.

facebook.com/balletcnorte





Mariana Tengner Barros
FILTROS FANTÁSTICOS

Este será um laboratório de experimentação criativa, que indaga as possibilidades da dança, do movimento e da performance como prática política de ativação do corpo. Serão investigados modos de atenção e estados de consciência que permitam a reconfiguração dos filtros que usamos para entender a “realidade”. Através da pesquisa de movimento com base na percepção e sensação, conexão corpo-mente e expansão dos sentidos, preparar-se-á outro corpo, articulado, que exprime a linguagem não linear e complexa oriunda da tópica emocional, sensorial e imaginativa, permitindo que a forma apareça através da sensação e da atenção. A prática de liberdade, sem as diversas “programações” a que estamos sujeitos enquanto seres humanos, ao desconstruir e reconstruir as múltiplas imagens que temos de nós próprios, e do mundo, enquanto dançamos. A noção de dança será constantemente posta em causa através da reconfiguração dos padrões de comportamento e identidade. Abarcar-se-á o jogo, o jogar a sério, que é brincar, porque brincar é essencial para a perce-

ção lúcida da realidade, desligada da auto-censura e em sintonia com a curiosidade.

Mariana Tengner Barros é coreógrafa e performer. O seu trabalho tem sido apresentado em diversos países na Europa e América do Sul. Licenciada em dança pela Northern School of Contemporary Dance em Leeds, Inglaterra. Estagiou no Ballet Theatre Munich, sob a direção artística de Philip Taylor, em Munique, Alemanha. Completou o Programa de Estudo e Criação Coreográfica-PEPCC no Fórum Dança, em Lisboa. Colaborou com vários artistas em diferentes projetos, salientando Francisco Camacho, Mark Tompkins, Meg Stuart, John Romão, Susana Otero, Rogério Nuno Costa, Nuno Miguel, António MV, Jonny Kadaver e Agnieszka Dmochowska. É artista associada da EIRA e diretora artística d'A BELA Associação. Integra a banda Kundalini XS e é parte do coletivo/editora Wonky Donkey Sound.

marianatengnerbarros.tumblr.com





Ana Rita Teodoro

ESCREVER UMA ANATOMIA DELIRANTE

Nos últimos anos dediquei-me a compor uma coleção de pequenas peças de dança, dedicadas a uma parte do corpo. Esta coleção, intitulada *Delirar a Anatomia*, tem como objetivo reconstruir e abrir a percepção do nosso corpo físico libertando-o das suas formas e funções predestinadas (mão de agarrar, olho de olhar, boca de falar), usando a metáfora do delírio para acessar ao terreno íntimo e singular de cada corpo. No coração deste trabalho coreográfico está a escrita poética. Não só porque a escrita ajuda a compor e acessar a uma anatomia delirante: perna-língua, dedo-fios, mão-vagina, lábios-deserto, etc., mas também porque a escrita ajuda o corpo a se reconstruir longe da sua cegueira perceptiva ou sensorial. Tentaremos dar palavras ao sentir e concretizar pela escrita um corpo outro que está constantemente em movimento e transformação.

Para este atelier, iremos explorar a articulação entre palavras e gestos (movimentos e sensações) procurando constatar diferentes

modos de operação desta relação. Interesso-me em particular por pensar formas que permitam complexidade e perplexidade em nomear, escrever e dançar, e que não estão sobre o domínio autoritário da visão e da relação pela ilustração ou a metáfora. Iremos observar como estas formas de articulação transformam a percepção do corpo físico. Apoiando-me no trabalho de artistas como Tatsumi Hijikata e Yoshito Ohno, de pedagogos-pesquisadores da anatomia experiencial como Andrea Olsen e Sofia Neuparth, e também de um conjunto de poetas e escritores que considero que o seu trabalho releva “potencial coreográfico” e propõe em si uma perspectiva outra, da percepção do corpo.

Ana Rita Teodoro é mestra em “Dança, Criação e Performance” pelo CNDC de Angers e Paris 8 (2011/2013), onde desenvolveu como pesquisa a criação de uma Anatomia Delirante. Foi aluna do CPCC do Fórum Dança (2002) e do Curso de Coreografia da Fundação Gulbenkian (2005). Estudou o corpo através das disciplinas de anatomia, paleontologia e filosofia no c.e.m com Sofia Neuparth, e o Chi Kung na EMTC de Lisboa. Depois de 2007 participa em workshops liderados por artistas e pesquisadores do butô. Em 2015 recebe a Bolsa de Aperfeiçoamento Artístico da Fun-

*dação Gulbenkian para estudar com Yoshito Ohno no Japão e desenvolve uma pesquisa centrada na prática do butô com o apoio do CND (Pantin, França). Desta pesquisa cria a conferência-performativa *Your Teacher, please* (2018). Criou as coreografias: *MelTe* (2009), *Orifice Paradis* (2012), *Sonho d'Intestino* (2013), *Assombro* (2015) *Palco, Pavilhão* (2017) e *FoFo* (2019). Faz parte da Associação Parasita e é artista associada do CND.*





Patrícia Portela

FEEDBACK PERFORMATIVO

Observação, concentração e leitura são as principais componentes desta sessão. O objetivo é dialogarmos intensivamente através das ferramentas artísticas que escolhemos para nos exprimirmos durante este curso de verão, ouvindo, traduzindo, e participando nas obras de outros enquanto construímos as nossas próprias criações, recebendo inspiração, sugestões e críticas dos nossos companheiros de viagem.

Patrícia Portela é autora de performances e obras literárias, vive entre Portugal e Bélgica. Estudou cenografia, cinema, dança e filosofia. Entre 1994 e 2002 trabalhou sobretudo como figurinista ou cenógrafa para teatro independente e cinema em Portugal, recebendo o Prémio Revelação 94 da Associação de Críticos de Teatro pelo seu múltiplo trabalho. Criadora de performances e instalações transdisciplinares, itínere com regularidade pela Europa e pelo mundo. Reconhecida nacional e internacionalmente pela peculiaridade da sua obra, recebeu vários prémios (dos quais destaca o Prémio Madalena Azeredo de Perdigão/F.C.G. para Flatland I (2004) e menção honrosa para Wasteband (2003) ou o Prémio Teatro na Década para T5 (1999) e Wasteband

(2004)). Autora de vários romances e novelas como Para Cima e não para Norte (2008) ou Banquete (2012, finalista do Grande Prémio de Romance e novela APE), participou no 46º International Writers Program em Iowa City em 2013, foi uma das 5 finalistas do Prémio Media Art Sonae 2015 e a primeira autora a receber uma bolsa literária em Berlim do Instituto Camões em 2016. É membro fundador da Associação Cultural Prado desde 2003 e curadora das edições colectivas Prado desde 2008. É colaboradora do Jornal de Letras e do portal virtual <http://www.coffeepaste.com>.

patriciaportela.pt





CONFERÊNCIAS-PERFORMANCE

João dos Santos Martins

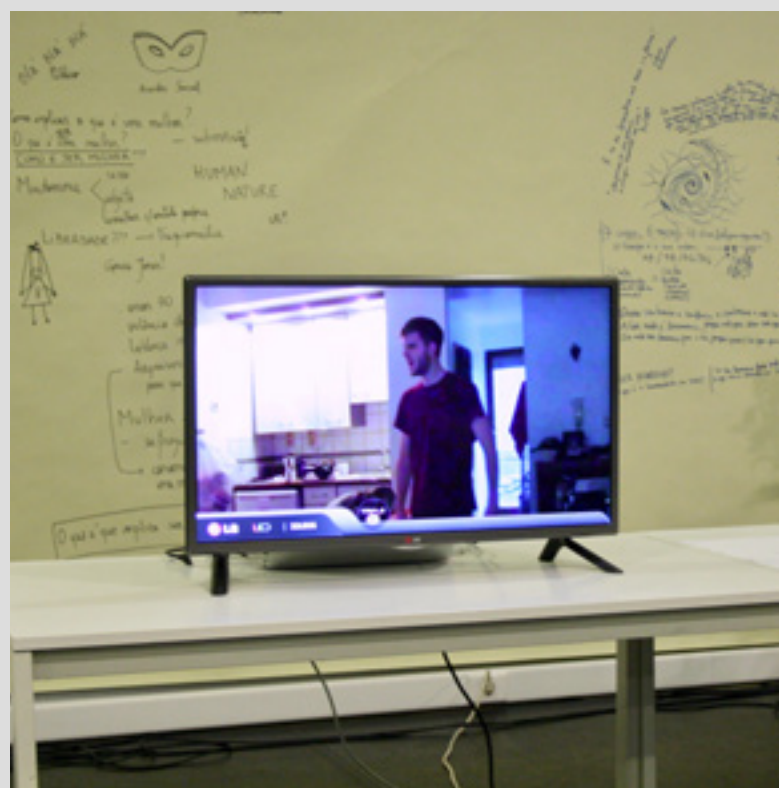
DANÇA DA CRISE ou TALVEZ ELE
PUDESSE PENSAR PRIMEIRO E
DANÇAR DEPOIS ou COMO FAZ-
ER COISAS SEM DANÇA ou OLD-
SCHOOL#40 (2015)

Partindo de uma conferência que venho fazendo desde 2012, altura em que começava a questionar o meu desejo de dançar e as suas motivações, procurarei abrir uma discussão coletiva sobre a dicotomia entre corpo e cabeça e a ambivalência entre ética e estética que afronta a eficácia discursiva da dança.

*João dos Santos Martins é um artista que trabalha a partir da dança e da coreografia. Articula a sua prática entre a produção de peças e a colaboração como bailarino com autores como Ana Rita Teodoro, Eszter Salamon, Moriah Evans e Xavier LeRoy. O seu trabalho é caracterizado por uma diversidade de dispositivos que investem na produção de conflitos entre o sujeito que dança e o objeto dançado. As suas peças são desenvolvidas em colaboração com outros artistas como em *Antropocenas* (2017), com Rita Natálio e Pedro Neves Marques, e *Onde Está o Casaco?* (2018), com Cyriaque Villemaux e Ana Jotta. Desde 2017 tem expandido a sua prática a ou-*

tros formatos. Organizou o ciclo Nova—Velha Dança; criou, com Ana Bigotte Vieira, um dispositivo para a historização coletiva da dança em Portugal — Para Uma Timeline a Haver — e fundou um jornal — Coreia — dedicado a produzir discursos sobre as artes e os artistas.

jdsml.hotglue.me



Paula Caspão

ALL TOGETHER IN PRACTICE AS RESEARCH AS PERFORMANCE

Letters to Imagine Some Ends to
This World

Oh Practice my Practice. My interstellar cloud of dust. My infinite chain of pro-research sparkles, improvised across proliferating Immaterial Encounters of the Fourth Kind, into the eventification of every-little-thing. You've been a close friend these last years. We've shared on-the-go meals and sleepless nights; slept exhausted, agitated, delirious, sometimes half-dead in each other's arms. Oh Practice my Practice: my everything. I am at your feet. Devoted, I confess: I haven't been producing many art and fiction works lately. Not many academic pieces of writing either. Yet we both know (since you have become flesh of my flesh): I work without end, and sleep the least I can. I don't even really dislike it. YAY. Liberated from work in order to work more, to work harder – as it stands in that short text by Moten and Harney (2015) that we've read together time and again.

Oh Practice my Practice. I don't think I have told you this yet, but it's time: I am lost. Many things in my life, many strands of studying, thinking and making art – all those things that once seemed to offer a promise of 'profanation' (in the Agambian sense) and some sense of displacement from male-artist subjectivities, hegemonic historical narratives and representations – seem to have, to a huge extent, morphed into the dominant model of artistic and knowledge production. I am not sure that anything I do will ever be able to challenge the current economies (the current economy of attention included, or most of all). Oh Practice my Practice. What exactly have we been doing together? I hope you forgive me for having so many doubts about our relationship, after all these years.



Escritora e artista, Paula Caspão (PT/FR) é investigadora de pós-doutoramento (FCT) e docente convidada no Centro de Estudos de Teatro da Universidade de Lisboa (CET/FLUL); é investigadora associada no Centro de História Contemporânea, Universidade Nova de Lisboa (IHC/UNL). Actualmente investiga os gestos, as ecologias e as poéticas implicadas nas práticas específicas e nas formas de trabalho (i)material que constituem o museu, o arquivo e o fazer histórico. Explorando procedimentos de contaminação entre as práticas coreográficas e as práticas teóricas e/ou documentais, o seu trabalho tem sido apresentado através da Europa, Austrália e EUA desde 2005. É autora de *Relations On Paper* (2013), editora de *The Page As a Dancing Site* (2014) e *Pièces Assemblées* (2017). Doutorada em Filosofia (epistemologia e estética) pela universidade de Paris-10, foi Visiting Scholar na Tisch School of the Arts, Performance Studies / New York University (2018).



ACADEMIAS OBSERVADORAS

"EM REUNIÃO"

Grupo de Investigação em Arte e Estudos Críticos – CEAA | ESAP
Alexandra Costa & Eduarda Neves

SOBRE A LETRA MORTA

Se a academia é o mundo, como afirmou Joseph Beuys, é também nela que nos podemos confrontar com os nossos movimentos de fuga e construir a disciplina que faz emergir a estrada. É a partir dos constrangimentos que nos podemos tornar livres e prosseguir. Assim nos cumprimos. Trata-se de se querer ser aquilo que se é.
ceaa.pt

Alexandra Costa é licenciada em Artes Visuais-Fotografia e pós-graduada em Arte Contemporânea pela ESAP, instituição na qual é finalista do Mestrado em Práticas Artísticas e Investigação. Estagiária de investigação no grupo de Arte e Estudos Críticos do CEAA. Integra, atualmente, uma das comissões de Avaliação do Ensino Superior da A3ES. Participou em algumas exposições colectivas, nomeadamente, Projectos_ Processos_ Propriedades - Espaço Mira - Julho, 2017 e A alguns passos como se fosse muito longe - Palacete Viscondes de Balsemão, Encontros da Imagem, Setembro-Outubro de 2017, com o projecto Estudos sobre a entropia. Para uma hipótese de arte como sintrópia, respectivamente, I e II. Participou na

ARTS Sevilla, 2017 e na colectiva Sem imago mundi, antes um desvio aleatório, no Planetário do Porto, Outubro - Novembro de 2018.

Eduarda Neves é licenciada em Filosofia e doutorada em Estética. Professora universitária de teoria e crítica de arte contemporânea, investigadora e curadora independente. IR do grupo de Arte e Estudos Críticos do CEAA. A sua prática de curadoria e investigação cruza a arte, a filosofia e a política, domínios nos quais é autora de vários artigos, livros e ensaios. Último livro publicado: O Auto-retrato. Fotografia e Subjectivação. Lisboa: Ed. Palimpsesto / CEAA, 2016 [Short list do prémio PEN CLUB na área de Ensaio, 2017]. Publicará em Setembro de 2019 o livro Nem-Isto-Nem-Aquilo e em 2020 Bestiários. Ensaios sobre arte contemporânea. Alguns dos mais recentes projetos de curadoria: Algumas razões para uma arte não demissionária, Correspondências, Fault Line, A alguns passos como se estivesse muito longe, A.A.R., Hors-Série, Sem imago mundi, antes um desvio aleatório. Integrou o projeto expositivo Quatro Elementos (curadora do elemento TERRA). Concebe, em 2019, o projecto EUROPA que articula a conferência internacional (I) Notas sobre a Europa. O sono dogmático e (II) o projecto curatorial Andando em torno do Sol: Máquinas, Aranhas e Corsários. Colabora com a revista de arte Contemporânea. É, actualmente, directora da Escola Superior Artística do Porto.



GIEP/Grupo de Investigação em Estudos Performativos – CEHUM
Francesca Rayner
José Eduardo Silva
Tiago Porteiro

COMO DESFORMATAR A ESCRITA ACADÉMICA?

Um dos maiores problemas com que são confrontados artistas inscritos em programas de Mestrado e de Doutoramento nas universidades tem a ver com as normas da escrita académica. Baseada na objetividade, na transferabilidade, e na racionalidade, esta forma de escrita tende a subvalorizar os afetos, a subjetividade e o contexto social e político da escrita associada ao trabalho artístico. No entanto, a entrada nas universidades de artistas-investigadores ao longo dos últimos dez anos levou também ao ensaio de formas alternativas de escrita. Uma destas formas é a escrita performativa que tem como objetivo reduzir a distância entre a escrita académica e a escrita criativa. Através de exemplos, reflexões teóricas e exercícios práticos, este seminário explorará as possibilidades da escrita performativa como forma de desafio e reconfiguração das normas da escrita académica.

Criado em 2017, O Grupo de Investigação em Estudos Performativos (GIEP) da Universidade do Minho pretende refletir a diversidade da investigação nacional e internacional nesta área científica e contribuir para o seu desenvolvimento através de publicações, colóquios, ciclos de conferências, performances e exposições. O grupo integra investigadores mais experientes com várias publicações nesta área, jovens investigadores inseridos em programas de doutoramento e pós-doutoramento e artistas-investigadores que conciliam investigação e criação artística. Esta diversidade encoraja a partilha de experiências entre gerações de investigadores e entre investigadores universitárias e artistas. O grupo tem como objetivo principal contribuir para uma maior visibilidade dos Estudos Performativos e ao mesmo tempo divulgar os trabalhos desenvolvidos pelos seus membros em publicações e performances nacionais e internacionais.

cehum.ilch.uminho.pt





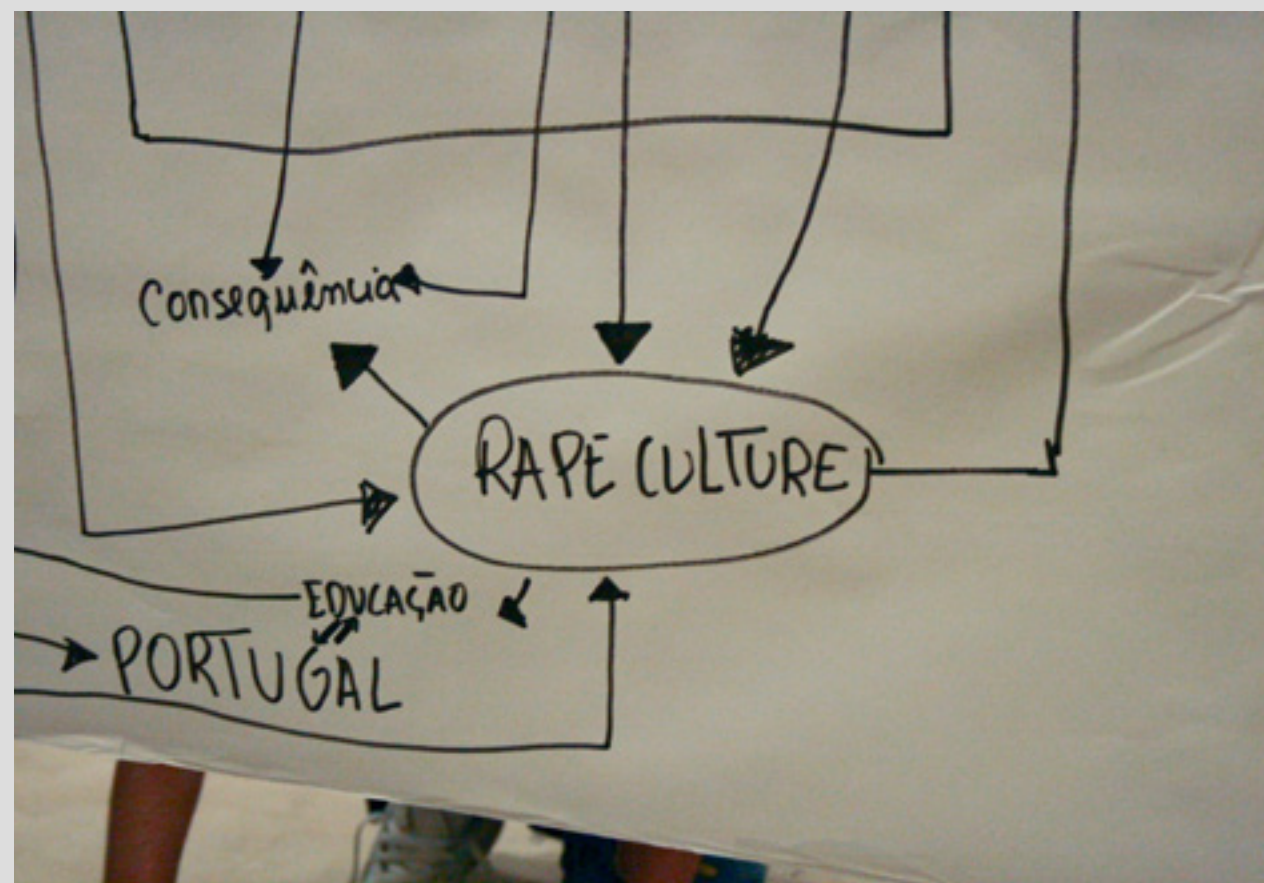
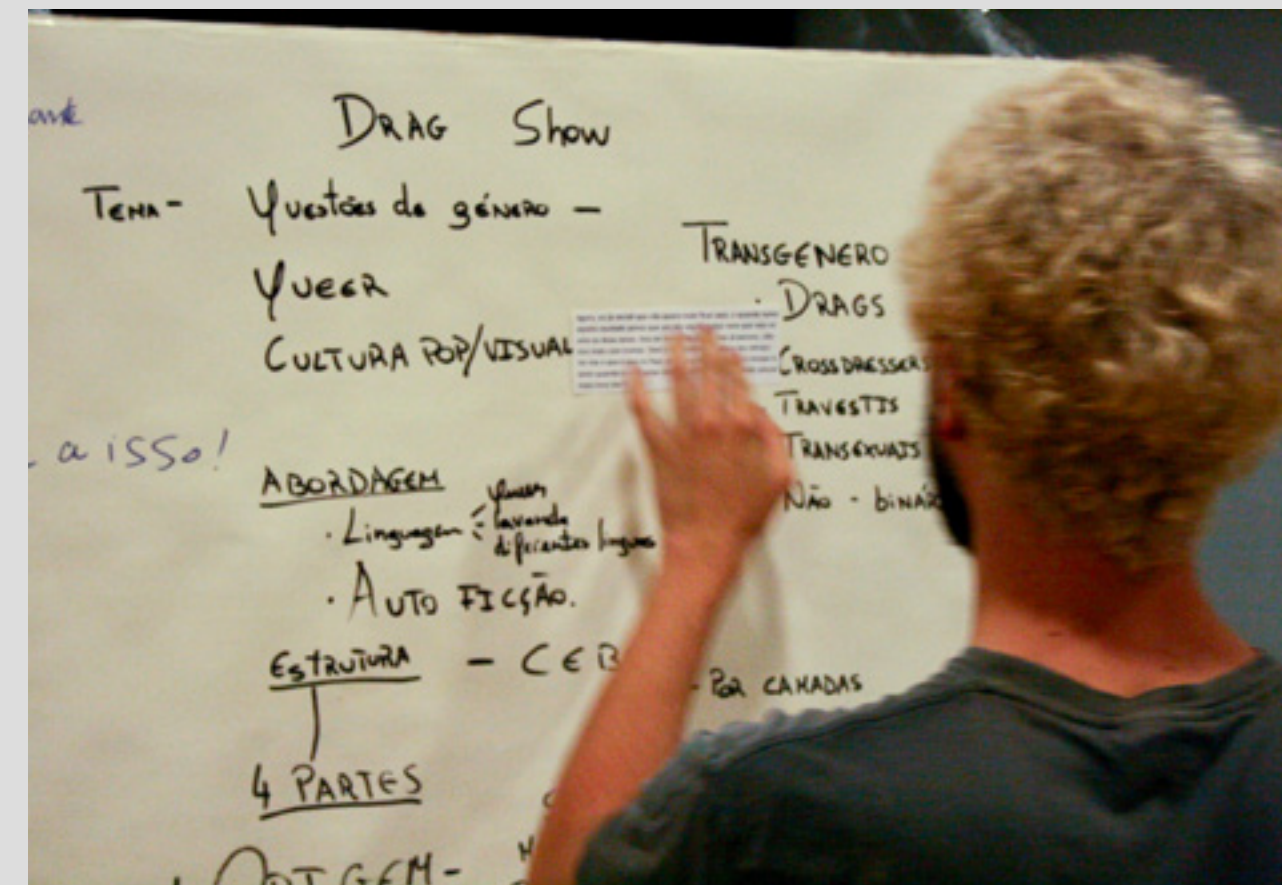
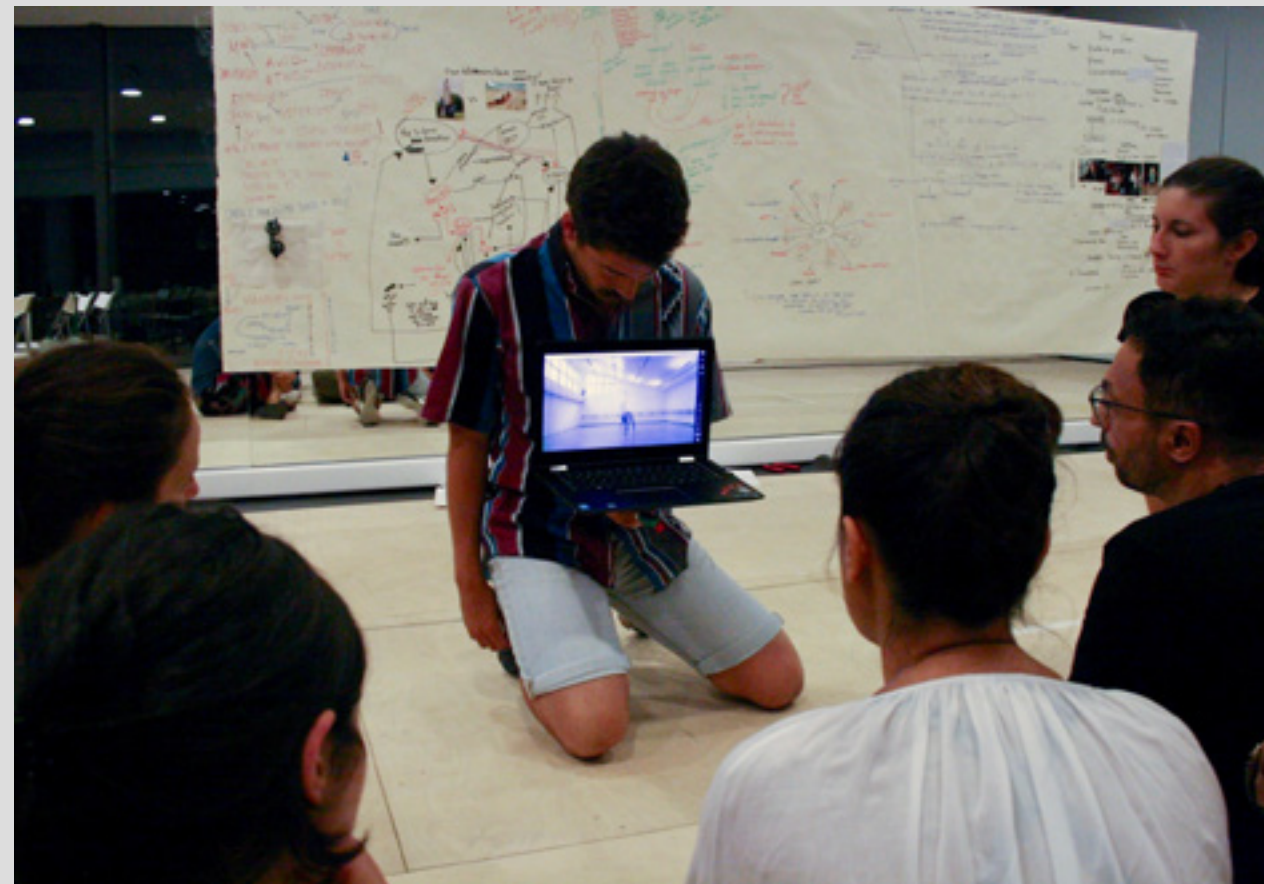
PEER-TO-PEER REVIEW

Peer-to-Peer Review [feedback sessions]

Paralelamente ao conjunto de seminários, laboratórios e aulas experimentais atrás mencionadas, UNFINISHED propõe aos participantes-em-residência um espaço de pesquisa teórico-prática com vista ao ensaio de novos paradigmas educacionais, modos de subjetivação e metodologias de investigação híbridas e fluidas, promovendo uma plataforma colaborativa de pensamento inter/trans-disciplinar que se pretende não-hierárquica e horizontal. Cada participante desenvolve um “projeto-em-progresso”, em regime de cooperação e colaboração, durante um macro-seminário que amplifica, técnica e conceptualmente, as suas ideias, inquietações e urgências. Uma incubadora para o mapeamento de processos, ativação de metodologias de feedback e de transmissão/circulação de ideias, inventariação de práticas de investigação (*art-based research*), e visualização de processos de pesquisa, em diálogo síncronico com os restantes seminários propostos pela Escola de Verão. Coordenado/facilitado por Joclécio Azevedo e Rogério Nuno Costa, PEER-TO-PEER REVIEW apresenta-se enquanto meta-laboratório experimental (e

exploratório) com vista à recombinação e re-contextualização dos “projetos-em-progresso” por meio de novas articulações, interfaces e interferências. Em apêndice, incluímos nesta publicação um olhar documental sobre as apresentações informais de cada aluno, processos que tiveram continuidade pós-UNFINISHED de forma independente.







Joclécio Azevedo (Brasil, 1969). Vive no Porto desde 1990. Os seus trabalhos atravessam diferentes disciplinas artísticas, tendo-se dedicado mais intensamente à criação coreográfica a partir de 1999. Tem participado regularmente em projetos de criação e investigação, desenvolvendo colaborações e integrando residências artísticas em diversos contextos, dentro e fora do país. Foi diretor artístico do Núcleo de Experimentação Coreográfica entre 2006 e 2011. É membro da direção plenária da GDA e do Conselho de Curadores da Fundação GDA desde 2010. A partir de 2012, integra o projeto Artista Residente da Circular Associação Cultural em Vila do Conde. Desde 2013, participa regularmente como formador no FAICC – Formação avançada em interpretação e criação coreográfica da Companhia Instável. Em 2016 trabalhou como assistente convidado no Curso de Especialização em Performance na FBAUP. Colabora, desde 2016, com o grupo Sintoma – Performance, Investigação e Experimentação, orientado por Rita Castro Neves e desenvolvido pelo i2ADS Instituto de Investigação em Arte, Design e Sociedade da Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto.

nenhum.org

Rogério Nuno Costa (Amares, 1978). Ator, encenador, investigador e escritor, desenvolve trabalho artístico de carácter transdisciplinar. Apresenta espetáculos, performances, confe-

rências e textos ensaísticos que exploram os campos do teatro, dança, artes visuais, literatura, filosofia e antropologia. Com formação académica em Comunicação Social, História da Arte Contemporânea e Cultura Contemporânea & Novas Tecnologias, desenvolve investigação em Visual Cultures, Curating and Contemporary Art na Aalto University (Finlândia) e no Grupo de Investigação em Estudos de Performance da Universidade do Minho. Advisor no Transart Institute (Berlim e Nova Iorque). Como intérprete, co-criador e colaborador artístico, trabalhou com Mariana Tenger Barros, Patrícia Portela, Teatro Praga, Sónia Baptista, Lúcia Sigalho, Teresa Prima, Joclécio Azevedo, Susana Mendes Silva, entre outros. Colaborador assíduo da companhia Estrutura. Curador do projeto UNFINISHED (Armazém 22) e consultor de programação no evento Forum Internacional de Gaia. Professor convidado na Universidade do Minho (licenciatura em Teatro), lecionou na Escola Superior de Artes e Design (Caldas da Rainha) e na Hogeschool voor de Kunsten (Arnhem). Trabalha com vários artistas na condição de coordenador editorial e dramaturgo. Dirige o projeto documental do Ballet Contemporâneo do Norte, estrutura na qual é artista associado desde 2015. Trabalha atualmente na curadoria do programa de dança €UROTRA\$H e no projeto meta-educacional UNIVERSIDADE.

rogerionunocosta.wordpress.com

PROGRAMA 2018

22.08

Sessão de Abertura
Rogério Nuno Costa + Joclécio Azevedo + Ana Carvalho

23.08

Seminário Teórico-Prático: “Estrutura(s)”
José Nunes & Cátia Pinheiro (Estrutura)

24.08

Seminário Teórico-Prático: “Uma Coisa Não É Outra Coisa”
José Maria Vieira Mendes

25.08

Seminário Teórico-Prático: “Copywrong – performance-as-tool”
Daniel Pinheiro, Diogo Morais Oliveira, Fátima São Simão, Rogério Nuno Costa & Teresa Nobre

26.08

Laboratório Experimental: “Uma Aula”
Susana Otero
+
Peer-to-Peer Review [feedback session #1]
Rogério Nuno Costa & Joclécio Azevedo

28.08

Seminário Teórico-Prático: “Para uma curadoria da diferença”
Eduarda Neves

29.08

Seminário Teórico-Prático: “Do arquivo como gesto IV – travessias digitais”
Baldio - estudos de performance (Ana Bigotte Vieira, Ana Mira, Paula Braga)

30.08

Seminário Teórico-Prático: “Vida e Trabalho”
Susana Mendes Silva

31.08

Laboratório Experimental: “Filtros Fantásticos”
Mariana Tengner Barros
+
Peer-to-Peer Review [feedback session #2]
Rogério Nuno Costa & Joclécio Azevedo

01.09

Peer-to-Peer Review [feedback session #3]
Rogério Nuno Costa & Joclécio Azevedo
+
Showcase: apresentações informais de projetos dos participantes

PROGRAMA 2019

22.07

Sessão de Abertura
Rogério Nuno Costa + Joclécio Azevedo + Ana Carvalho
+
Peer-to-Peer Review [feedback session #1]
Rogério Nuno Costa & Joclécio Azevedo

23.07

Seminário Teórico-Prático (parte I): "Histórias coloniais e anti-coloniais, migrações e diásporas pós-coloniais, ativismos e feminismos descoloniais"
Ana Balona de Oliviera
+
Seminário Teórico-Prático (parte II): "Que memória coletiva me interessa?"
Marta Lança

24.07

Conferência-Performance: "Dança da crise ou Talvez ele pudesse pensar primeiro e dançar depois ou Como fazer coisas sem dança ou Oldschool#40 (2015)"
João dos Santos Martins
+
Peer-to-Peer Review [feedback session #2]
Rogério Nuno Costa & Joclécio Azevedo

25.07

Seminário Teórico-Prático: "Do arquivo como gesto V – inventários e documentos"
Baldio - estudos de performance (Ana Bigotte Vieira)

26.07

Academia Observadora Em Reunião: "Sobre a letra morta"
Grupo de Investigação em Arte e Estudos Críticos - CEAA
Escola Superior Artística do Porto
(com Alexandra Costa & Eduarda Neves)
+
Peer-to-Peer Review [feedback session #3]
Rogério Nuno Costa & Joclécio Azevedo

27.07

Laboratório Experimental: "Escrever uma anatomia delirante"
Ana Rita Teodoro

29.07

Seminário Teórico-Prático: "Do Irreparável: o que pode uma ética de reparação?"
And Lab (Fernanda Eugenio, com Ana Dinger & Iacã Macerata)

30.07

Conferência-Performance: "All Together In Practice As Research
As Performance: letter to imagine some ends to this world"
Paula Caspão
+
Peer-to-Peer Review [feedback session #4]
Rogério Nuno Costa & Joclécio Azevedo

31.07

Laboratório Experimental: "Feedback Performativo"
Patrícia Portela

01.08

Academia Observadora Em Reunião: "Como desformatar a escrita académica?"
GIEP/Grupo de Investigação em Estudos Performativos
Universidade do Minho
(com Francesca Rayner, José Eduardo Silva & Tiago Porteiro)
+
Peer-to-Peer Review [feedback session #5]
Rogério Nuno Costa & Joclécio Azevedo

02.08

Peer-to-Peer Review [feedback session #6]
Rogério Nuno Costa & Joclécio Azevedo
+
Showcase: apresentação informal de projetos dos participantes

ALUNXS



Adriana Neves (2019)



Bárbara Fonseca (2018)



Catarina Carvalho (2019)



Daniela Love (2018)



David Almeida & Diogo Sottomayor (2019)



Mathilde Major (2018)



Ricardo Pereira (2018)



Rita Silva (2019)



Zacarias Gomes (2018)

